

# Juvenil

## DOS JOVENS PARA OS JOVENS

### A VISITA

por Isabel Vila Nova

Não era dia de Natal nem qualquer outro dia notável mas a senhora Sobral, viúva muito respeitável já na casa dos sessenta, resolveu ir fazer uma visita a seu filho e sua nora, que moravam na mesma cidade e não muito longe da sua própria casa. Não era muito costume ela visitá-los a não ser em datas certas, mas naquele dia deu-lhe a saudade dos netos, um parzinho muito feitoso que já andava na escola e especialmente ao rapazinho estimava-o muito, fazia-lhe lembrar o pai dele na mesma idade embora, evidentemente, o seu filho tivesse sido mais bem educado, tinha outras maneiras, outras atenções com as

pessoas idosas, enfim... mas são as mães e só as mães que fazem a educação dos filhos e nada mais havia a acrescentar. A viúva Sobral arranjou-se, portanto, com o cuidado metuculoso que punha em tudo o que fazia, primeiro as meias para não amarrotar o vestido e, enquanto dobrava as velhas que trazia por casa, chegou a uma conclusão sobre os sapatos que calçaria no fim, bastava levar os de meio salto uma vez que era uma visita sem importância de maior. Depois do vestido, compôs uma última vez o cabelo e escolheu um colar fininho de pérolas que, sem ser de «toilette», não a deixava parecer tão murcha

no seu vestido preto. Era destas viúvas que nunca mais largaria o negro não porque tivesse um desgosto sem limites, o seu marido não tinha sido grande coisa se se atender á palavra fidelidade e, embora tivesse tido uma vida isenta de preocupações, aquele feito do marido tinha-lhe dado muitos desgostos, mas se deixá-lo estava fora de toda a cogitação era o seu homem e havia que aceitá-lo tal como era, o preto seria a sua cor até ao fim da vida, pois o que se diria dela em caso contrário? A senhora acabou por ficar pronta, olhou em redor a certificar-se de que tudo estava no seu lugar e preparou-se para sair. Uma vez que vivia só, apenas tinha uma servente para lhe tratar do serviço doméstico, fechou bem todas as janelas e saiu por fim, dando duas voltas á chave.

Pelo caminho passava por várias lojas e entrou numa pastelaria onde comprou uns doces para os netinhos, era pessoa muito como deve ser, pensava de si própria e achava que aquela era uma das suas obrigações, levar sempre qualquer coisa ás crianças quando as visitava. Depois encontrou uma amiga sua colega na catequese e, conversa daqui, novidade dali, acabou por chegar mais tarde do que contava, eram quase horas do chá que de bom grado tomou com a nora e netos, estava mesmo a morrer por isso, tinha arrefecido tanto tempo assim parada ao frio naquele desabrido Fevereiro. Depois esperou que o filho regressasse a casa enquanto tagarelava disto e daquilo. A nora, que tinha apenas uma criadita de 14 anos e dois filhos e um marido a sujar roupa e a terem de comer a horas certas, não apreciava muito tal visita, que a não ajudava e, pelo contrário, a obrigava a dar-lhe atenção em prejuízo dos seus afazeres e tinha a certeza de que se a mãe do marido não aparecia mais vezes era precisamente para se não ver obrigada a prestar o auxílio que se imporia se ali fosse assiduamente, mas isso guardava ela consigo como fazia com muitas outras coisas. Eram duas mulheres tão diferentes como podem sê-lo duas flores do mesmo jardim e ao passo que a mais velha via a outra como nora e tal como se a visse num espelho curvo apenas conseguia dela uma imagem deformada, pois não sabia ver para além

(Continua na 4.ª página)

### RECEPÇÃO

—CRÍTICA AOS TRABALHOS RECEBIDOS

Ficará, a partir de hoje,

a cargo de ALICE VASSALO PEREIRA

Colaboradora do nosso suplemento desde os 15 anos, Alice Vassalo Pereira passou a colaborar no suplemento literário do «Diário de Lisboa», na modalidade de literatura, e fez parte do júri de «O Natal visto pelas crianças», bem como dos júris de todos os concursos literários do «Juvenil» e de outros organizados por diversas instituições culturais. Publicou, em 1964, o livro de poemas «De estarmos vivos». Assina, presentemente, a crítica literária do «Jornal do Fundão».

Para além de tudo isto, Alice Vassalo Pereira colabora assiduamente, quotidianamente, na gestão, na orientação do nosso suplemento. Está, portanto, integrada perfeitamente no espírito do «Juvenil» — espírito que pode caracterizar-se, pelo que respeita á crítica, por absoluto desconhecimento de pessoa, pelo combate ao compadrio, á igrejinha, e pela convicção de que só o respeito pela expressão da verdade (mesmo quando aparentemente severa) pode dignificar os criticados. Com Mário Castrim, com Armindo Ferreira Miranda, com Alice Vassalo Pereira — «Recepção» muda de mãos mas permanece igual a si mesma.



ALICE VASSALO PEREIRA

Uma secção de crítica aos trabalhos dos nossos colaboradores é de presença indispensável nas colunas do «Juvenil». Interrompida a publicação dela por motivo do «Concurso Fóforo Ferrero», que durante três meses monopolizou todas as nossas atenções, «Recepção» regressa hoje. Assinará a crítica, de hoje em diante, a dr.ª Alice Vassalo Pereira.

P. (1) — Qual a importância de MARTHA GRAHAM, como coreógrafa e bailarina, na «Modern Dance»?

R. (1) — Uma importância enorme e fundamental... mas antes como inovadora, catalizadora, doutrinadora, criadora e coreógrafa do que como bailarina. A importância (igual a valor) de Martha Graham bailarina é a mesma de todos os artistas-intérpretes que possuem, como ela, uma personalidade poderosa e um temperamento original: impõem-se por si e em si mesmos são únicos.

«Martha Graham passou a história da dança de arte (de que e onde é um marco) por ter conseguido dar um corpo a várias doutrinas alheias (as dos seus precursores) e pró-

foi ter ela podido dar um corpo doutrinário ás ideias dos precursores da «modern dance»: á «dança livre» de Isadora Duncan; aos efeitos plástico-ritmico-luminosos de Loie Fuller; ao estudo do significado humano das danças primitivas e das danças populares e religiosas orientais realizado por Ruth Saint-Denis; ao estudo força expressiva — ritmica e dramática — do gesto e da expressão corporal efectuado por Ted Shawn; ao estudo da correspondência entre as estruturas musicais e a dinâmica corporal feito pelo pedagogo musical Luis Harst. Aluna do casal de bailarinos-coreógrafos-inovadores Ted Shawn-Ruth St.-Denis: compartilhando as ideias da sua compatriota Isadora Duncan e dos doutrina-

### FALEMOS DE «BALLET»

(entrevista com TOMÁS RIBAS

conduzida por BÁRBARA PALLA E CARMO)

prias que vieram a constituir uma nova «escola», uma outra estética e um outro estilo de dança — a «modern dance»; nesse aspecto, o seu lugar é ao lado de um Beaujoyeux ou italiano belgioso do séc. XVI, de um Beauchamp (séc. XVII), de um Noverre (séc. XVIII), de um Péro, de um Saint-Léon, de um Ivanov (séc. XIX), dos Fokine, Madame Nijinska e Balanchine, do nosso século. Como teórica de uma fixação de linguagem, o seu lugar é ao lado de Noverre, de Lifar e Balanchine, de Laban e Mary Wigman.

«Martha Graham é geralmente considerada a fundadora e criadora da «modern dance» — a dança de arte norte-americana que hoje já se universalizou com a designação de «dança moderna» e se opõe estilisticamente e como escola ao «ballet» académico-clássico. Fundadora e criadora? Isto é e não é verdade. A grande importância de Martha Graham

dores-coreógrafos do expressionismo da Europa Central (Laban e Mary Wigman) que reafirmaram uma verdade tão velha como o Homem: «a dança é uma expressão de sentimentos e uma libertação de forças»; pertencendo a uma geração de artistas e intelectuais que procurou tornar a cultura norte-americana independente da cultura europeia; fazendo duplamente parte de uma geração norte-americana em que o homem comum se orgulhava da América do Norte e o intelectual descria dos E. U. A.; vivendo uma época da cultura norte-americana que, em parte se caracterizou pelo subjectivismo altamente intelectualizado (poesia, romance e teatro) mas também pelo colectivismo (poesia, romance e teatro), pela tendência para o esoterismo, para a psicanálise e para os assuntos sexuais e pela determinação das raízes da cultura

(Continua na página seguinte)

### ATENÇÃO A...

... ISABEL VILA NOVA, que inicia hoje a sua colaboração no «Juvenil» com um conto «A visita». Este trabalho mereceu os melhores elogios na «Recepção» como no presente número do «Juvenil» se poderá ler. A par de evidentes dotes de observadora, nota-se uma excelente capacidade literária. O conto está organizado com mestria. Repare-se como a câmara, manejada por Isabel Vila Nova, se fixa sucessivamente em cada uma das personagens.

De Isabel Vila Nova (apenas sabemos que mora em Coimbra), a carreira literária será atentamente seguida por nós.

MÁRIO CASTRIM

